



“ODARA: ENTRE A DESCOLONIZAÇÃO DA BELEZA E O PAPEL FUNDAMENTAL DA ESCOLA NA LUTA ANTIRRACISTA”¹.

Autora:

Rayan Gabriel Rodrigues da Silva - FE/UNICAMP

Orientadora:

Profa. Dra. Heloísa Andreia de Matos Lins - FE/UNICAMP

Palavras-chave: educação antirracista; identidade negra; subjetividade; racismo; crianças.

INTRODUÇÃO/OBJETIVOS:

Instigada pelos acúmulos históricos do movimento negro e pelas minhas vivências enquanto pessoa preta, esta pesquisa busca problematizar como o racismo, muitas vezes imbuído por padrões de beleza pré-estabelecidos, pode impactar na autoestima e, conseqüentemente, na construção identitária de crianças racializadas. Inspirada no que diz Emicida, depois de visitar pela primeira vez o “Museu da Escravidão”, no continente africano:

[...] ‘Foi nessa pia que os negros foram batizados e através de uma ideia distorcida do cristianismo, foram levados acreditar que não tinham alma’. Naquele dia eu senti que a minha missão é, cada vez que eu pegar uma caneta, um microfone, devolver a alma das minhas irmãs e irmãos, que sentiu que um dia não teve uma (EMICIDA. Principia, 2019).

À vista disso, procuro apresentar uma nova perspectiva para as infâncias negras no contexto da educação, por meio de práticas decoloniais e humanizadoras. Em síntese, a partir das minhas memórias corporais, registros e vivências pessoais, sendo educadora em formação, este estudo teve como objetivo geral o mapeamento de alguns dos possíveis impactos gerados pela escola na formação das identidades de crianças negras, através de oficinas pedagógicas antirracistas criadas e ministradas por mim. Como objetivo específico, discutindo e compreendendo os efeitos do racismo na construção subjetiva de sujeitos racializados, é analisado na pesquisa de que forma projetos pedagógicos antirracistas e suas possíveis práticas decoloniais impactam no combate à discriminação racial no Brasil. Neste contexto, busquei também suprir a lacuna já mencionada por Lacerda (2023), no que se refere à formação docente (inicial e continuada), e ao acesso a materiais e práticas concretas que abordem a temática antirracista, como parte de uma proposta em Educação em Direitos Humanos (EDH) e referenciada numa pedagogia decolonial.

PROBLEMA E MÉTODO

O intento do estudo foi analisar como práticas, narrativas e sensibilidades estéticas outras, contruídas democraticamente com as crianças, podem ser precursoras no combate à discriminação racial no Brasil. Partindo do pressuposto de que “novas infâncias” têm sido possíveis, através do empoderamento, visibilidade e resistência do movimento negro, à luz da Lei 10.639 que obriga o ensino da cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas do nosso país, a pesquisa buscou problematizar o fato, por exemplo, de que muito embora já tenham se passado 20 anos dessa promulgação, na prática, a lei pouco tem sido

¹ Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número CAAE: 20494919.1.0000.81.42, em projeto mais amplo, coordenado pela Profa. Dra. Heloísa A. Matos Lins.

aplicada. Segundo dados levantados pela jornalista Mônica Bergamo (BERGAMO, 2023), a história africana é incluída somente em 14% das redes de ensino. Infelizmente, menos de 20% das escolas da rede pública incluem história afro-brasileira no currículo. E por que isso tem acontecido? Algumas das hipóteses citadas pelo repórter Lucas Lacerda (LACERDA, 2023), levantadas recentemente, apontam a falta de formação e dificuldade no acesso aos materiais didáticos que abordam a temática.

Não menos importante é o fato de que as referências estéticas são ditadas pelas elites e pela branquitude, na acepção narcísica apontada por Bento (2022) e acompanham os contextos histórico-sociais de cada época. Especialmente no Brasil, há tempos essas referências são impactadas pelo ideal branco europeu, retratadas na literatura, na música, na dança e nas pinturas, bem como no cinema, nas redes de telecomunicações e, mais recente, nas mídias sociais, por exemplo. O padrão de beleza faz parte de todas as culturas e modifica-se por meio de roupas, maquiagens, penteados, etc., mas principalmente por formas de pensar e agir. Diante disso, é inegável o efeito direto e a violência subjetiva na vida daqueles considerados diferentes. Natália Lopes dos Santos (2019), em sua tese de mestrado, cujo tema trata do acolhimento inicial de bebês negros e negras nos espaços da creche, aponta que essas crianças são as que mais sofrem com a negligência do afeto no contexto da educação infantil. Logo, não possuem o direito à paparicação, como também apontaram Oliveira e Abramowicz (2010). Depois, são submetidas a um sistema que se estrutura por decisões pedagógicas que as distanciam da sua realidade e, conseqüentemente, implicam na construção de suas identidades. Identidades essas fragilizadas, pessoalmente questionáveis e, acima de tudo, sem identificação positiva. Além de destacar essas lacunas e desafios culturais e subjetivos, o estudo buscou apontar algumas ações efetivas que estão ajudando a construir a luta antirracista, desde a educação.

Diante do exposto, levando em consideração os *loci* de investigação: os acontecimentos em oficinas e minhas experiências no campo do estágio, registrei tais processos, destacando os principais elementos, em função dos objetivos do estudo. O percurso metodológico para esta pesquisa foi a cartografia, inspirada no universo filosófico de Gilles Deleuze e Félix Guattari (AGUIAR, 2010), articulada a pressupostos de pesquisas narrativas autobiográficas (ABRAHÃO, 2024; SARMENTO, 2024). Desse modo, percebendo a escrita da experiência um aspecto essencial das memórias culturais que nos constituem, estive disponível aos encontros imprevisíveis de afetos, desafetos e, até mesmo, de escrevivências, inspiradas por Conceição Evaristo (EVARISTO, 2016), que aconteceram durante o percurso de realização da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas antirracistas: o que as infâncias e as escolas podem nos suscitar

Considerando, como anteriormente apontado, que a desvalorização do corpo negro ainda faz parte do imaginário social e do processo de construção da identidade brasileira, ou seja, de que se trata de um corpo representado como feio, objetificado, sexualizado, sem valor afetivo e que continua abandonado nas margens das grandes periferias desse país (cuja expectativa de vida é baixa demais e a taxa de mortalidade é duas vezes maior que a dos demais grupos étnicos), questiono: nessas condições, quem deseja ser negro? Qual é o padrão de beleza que pode espelhar a pessoa negra? E as crianças negras? À vista desses questionamentos, também sendo vítima dos atravessamentos causados pelos estereótipos desde a minha infância, nasce a oficina de “Beleza Negra”, a fim de suscitar nas crianças, em geral, reflexões críticas sobre os ditados padrões. A oficina, aqui em discussão, foi dividida

em três momentos: (I) aproximação; (II) contextualização e contação do Itan; (III) retomada da temática e produção dos desenhos.

Momentos marcantes

A oficina foi realizada com três turmas diferentes, do ensino fundamental I. A primeira e a segunda turma foram com crianças do 4ºano, com idades entre 9 e 10 anos. Já a terceira foi com o 1º ano, com crianças de 6 anos. Durante as atividades, algumas reações me chamaram a atenção. O primeiro impacto comum entre elas foi a curiosidade. Por utilizar elementos diferentes no ambiente e nas minhas roupas, as crianças e até mesmo as educadoras apresentaram uma curiosa desconfiança sobre ser uma prática religiosa. Além disso, inicialmente, a temática despertava um interesse maior nas meninas, que mostravam-se mais próximas do que os meninos. Outro aspecto marcante é a presença do fundamentalismo cristão, quando se trata da perspectiva e cosmovisão iorubá. Falas, como por exemplo “isso é macumba?”, foram propagadas não só pelas crianças, mas também pela equipe profissional. Podemos até discutir a existência dos dinossauros, mas compreender a natureza como divindade - orixá - pareceu muito complexo para elas. Mesmo assim, cada oficina foi única e reverberou de formas diferentes. À vista disso, compartilho aqui, duas das muitas situações que me marcaram, em função dos objetivos deste estudo. Utilizarei nomes fictícios para não expor as crianças

A primeira situação é a da Sol, da primeira turma do 4º ano. Após realizar a contação de história, convidei as crianças para desenharem uma personalidade negra significativa para elas, descrevendo suas qualidades. Após um tempo e uma expressiva dificuldade em escolher essas figuras, os autorretratos foram sendo entregues. Na sequência, chamei elas para colarem o desenho no mural; foi quando Sol se levantou junto de Lua, sua amiga. Lua rapidamente disse que havia escolhido seu pai para retratar e completou dizendo que também se considerava negra de pele clara. Sol me olhou confusa, reparou em sua pele, na de Lua e perguntou se também era negra. Mesmo tendo a minha opinião, perguntei o que a mesma achava. A tonalidade de sua pele era mais escura que a de Lua, mesmo assim respondeu que não se considerava negra. Sabendo da complexidade da discussão e da compreensão sobre o conceito “pardo”, no Brasil, decidi não prosseguir com a discussão. Perguntei quem ela havia escolhido retratar. “Meu tio. Nunca perguntei, mas acho que ele é negro”, disse ela.

A segunda situação é a discussão entre a Estrela e o Cometa, da segunda turma do quarto ano. Durante o primeiro momento da oficina, perguntei às crianças se elas se consideravam pessoas bonitas. Alguns prontamente responderam que sim, outros disseram que não e houve aquelas que não quiseram responder. Em seguida, perguntei qual era o padrão de beleza delas. Pessoas magras, de olhos claros e cabelos lisos, foram algumas das respostas. Estrela, uma criança branca do sexo masculino, marcada por alguns dos traços físicos destacados anteriormente, levantou afirmando ser lindo. Cometa, companheira de turma respondeu: “Claro, Estrela, você é padrão”. Naquele momento eu ainda não havia introduzido a temática em questão e, aproveitando a situação, dei continuidade à atividade. Mais tarde, retomei o acontecimento de outra forma, enaltecendo as qualidades das crianças para além da beleza física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio

enfrentado pelos negros brasileiros (GOMES, 2003). Com outras palavras Caroline Jango (2012), em sua tese de mestrado diz:

Sabemos que a figura do homem e da mulher branca como representação da beleza padrão, bem como a cultura ocidental sempre representada como superior, influencia os modos de a criança negra ser e estar no mundo e diminui as possibilidades positivas de representação no que tange o segmento do qual faz parte. Desta maneira, para se aproximar deste padrão e, por outro lado, se distanciar de suas características sempre representadas negativamente, a criança negra aprende desde muito cedo negar seu pertencimento racial e almejar ser outra pessoa, para parecer mais “bonita” e aceita socialmente. (JANGO, p.47. 2012)

À vista disso, fica evidente que o racismo, mesmo com todos os debates e transformações sociais, ainda possui impactos diretos na construção subjetiva e identitária de pessoas racializadas. Em consequência disso, a escola, que reúne tantas diferenças e que deveria ser democrática, como aponta o documento “Percepções do Racismo no Brasil” encomendado pela Inteligência em Pesquisa e Consulta Estratégica (IPEC) em 2023, continua sendo um dos principais locais de violência racial do nosso país. Desse modo, mesmo existindo a Lei 10.639, faz-se necessário o desenvolvimento de materiais pedagógicos antirracistas de qualidade, debruçados naquilo que os movimentos negros e sociais têm debatido e, mais ainda, que haja o monitoramento de como os mesmos têm sido propostos na prática. Como evidencia a socióloga Vanessa Patrícia Machado Silva:

A autoestima de negros e negras é frequentemente atacada com a reprodução de estereótipos depreciativos por parte da grande mídia. Acredito que ao valorizar a estética negra, desde o cabelo afro até às manifestações artísticas, seja uma forma de trabalhar a autoestima dos negros e negras e, conseqüentemente, uma ferramenta de empoderamento do povo negro. (SILVA, 2017, s/p)

Assim, por meio da luta, visibilidade, empoderamento e representatividade, as infâncias negras podem ser precursoras de um futuro diferente do presente; concedendo novas possibilidades de existência. Da mesma forma, entendendo o importante papel da escola na formação de todas as identidades, desde a infância, esse projeto anunciado por “Odara”, como já apontado, buscou suprir a lacuna mencionada por Lacerda (2023), no que se refere à formação docente (inicial e continuada) e ao acesso a materiais e práticas concretas que abordem a temática antirracista, como parte de uma proposta em Educação em Direitos Humanos (EDH) e referenciada numa pedagogia decolonial. Assim, fica o convite à realização de novas reflexões e experiências, que continuem trazendo perspectivas positivas para as infâncias negras e conscientização das demais crianças, ajudando no combate a discriminação racial no Brasil, por meio da educação.

Figura 1 - Encantamento e vida



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. Revista História Da Educação, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223/pdf>. Acesso em: 04 jan. 2024.
- AGUIAR, Lisiane Machado. **As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS, 2010.
- BRASIL. 2023. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira, e dá outras providências. Diário Oficial da União;
- BENTO, C. O pacto da branquitude. 1a. Ed. SP: Companhia das Letras, 2022.
- BERGAMO, Mônica. Menos de 20% das redes públicas de ensino incluem história afro-brasileira em currículos. Jornal Folha de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://folha.com/ty0zn956>
- COSTA, L. B. **Cartografia: uma forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014;
- EMICIDA. **Principia**. Amarelo. In: *AmarElo*. São Paulo: Sony Music, 2019.
- EVARISTO. Conceição. **Escrevivências. Identidade, Gênero e Violência na Obra de Conceição Evaristo**. Ed. Malê, Rio de Janeiro, 2023.
- FEITOSA, Caroline Felipe Jango. **Aqui tem racismo!: um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras**. 240 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/870856>.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Em Foco: Desigualdades raciais na escola • Educ. Pesqui. 29 (1) • Jun 2003 <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>.
- LACERDA, Lucas. Lei que estabelece ensino de história e cultura africana completa 20 anos com limitações. Jornal Folha de São Paulo, 2023. Disponível em: Lei sobre ensino de história africana completa 20 anos - 09/01/2023 - Educação - Folha (uol.com.br)
- OLIVEIRA, Fabiana de. ABRAMOWICZ, Anete. **Infância, Raça e “Paparicação”** - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, MG, 2010. Disponível em: SciELO - Brasil - Infância, raça e "paparicação" Infância, raça e "paparicação"
- SANTOS, Natália Lopes dos. **O acolhimento inicial de bebês negros e negras nos espaços da creche: aspectos a considerar e desafios a alcançar**. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- SARMENTO, Teresa. **Narrativas (auto)biográficas e intergeracionalidade: cruzar experiências e saberes numa formação de professores com o foco na criança**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, 2024, v. 09, n. 24, p. 01-14, e1158.
- SILVA, V. P. M. **A valorização da estética negra como “ato político”**. Brasília/DF: Central Única dos Trabalhadores (CUT), 2017.